

Pablo Guerrero Rodríguez, S.J.

Prólogo de D. Carlos Osoro (Arcebispo de Madrid)

Muito mais que dois

Aproximação pastoral ao casal e à família



EDITORIAL A.O.

Título original

*Mucho más que dos:
Acercamiento pastoral a la pareja y la familia*

© 2016 Pablo Guerrero Rodríguez, S.J.

Editorial Sal Terrae

Grupo de Comunicación Loyola

Polígono de Raos, Parcela 14-I

39600 Maliaño (Cantabria) - España

ISBN 978-84-293-2593-5

Tradução

Mário José Galvão de Almeida

Capa

Francisca Cardoso

Paginação

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos

Sersilito, Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal nº

440855/18

ISBN

978-972-39-0846-6

Junho de 2018

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 440 * Fax: 253 689 441

www.redemundialdeoracaodopapa.pt | livros@snao.pt

Tuas mãos são minha carícia,
meus acordes quotidianos;
quero-te porque tuas mãos
trabalham pela justiça.

Se te quero, é porque és
meu amor, minha cúmplice e
[tudo,
e na rua, lado a lado,
somos muito mais que dois;

teus olhos são meu conjuro
contra a má jornada;
quero-te pelo teu olhar,
que olha e semeia futuro;

tua boca que é tua e minha,
tua boca não se engana;
quero-te porque a tua boca
sabe gritar rebeldia.

Se te quero, é porque és
meu amor, minha cúmplice e
[tudo,
e na rua, lado a lado,
somos muito mais que dois;

e pelo teu rosto sincero
e teu passo vagabundo
e teu pranto pelo mundo;
porque és povo, quero-te;

e porque o amor não é auréola
nem cândida moralidade,
e porque somos um par
que sabe que não está só.

Quero-te em meu paraíso,
isto é, que no meu país
as pessoas vivam felizes
ainda que não tenham
[permissão.

Se te quero, é porque és
meu amor, minha cúmplice e
[tudo,
e na rua, lado a lado,
somos muito mais que dois.

Mario Benedetti

Introdução

«O pior que nos pode acontecer nestes momentos é dedicarmo-nos a dar respostas de ontem aos problemas de amanhã».

- Pedro Arrupe

A Teologia é feita por clérigos que desconhecem o que é a vida real das pessoas. A Teologia é elaborada por pessoas que não formaram uma família nem conhecem em primeira mão o que é o “fim do mês”. A Teologia não responde às perguntas que se formulam na sociedade ou, se o faz, expressa-o com uma terminologia e uns métodos excessivamente tradicionais. Na Teologia atual repete-se muito e repensa-se pouco...

Frases como estas escutam-se e leem-se com relativa frequência. Ainda que saibamos que são formulações parciais e não poucas vezes injustas, não é menos certo que elas têm a ver com a imagem que algumas pessoas recebem. Creio que determinadas formas de fazer Teologia ainda refletem um marcado cariz clerical (masculinamente clerical) e continuam a apresentar nas suas expressões características paternalistas não-dialogais (utilizando a terminologia de Paulo Freire). Existem âmbitos em que a dissensão não é facilmente aceite, e não faltam teólogos que manifestam demasiado receio e não demasiada caridade com quem pensa de maneira distinta... Em diversas ocasiões falta o espírito das palavras de Santo Agostinho: «No necessário, unidade; na dúvida, liberdade; em tudo, caridade» (*In necessariis unitas, in dubiis libertas, in omnibus caritas*).

Para orientar o leitor, devo dizer-lhe que me situo, como ponto de partida, no “itinerário” indicado por J. Moltmann na sua obra *El experimento esperanza*¹. Aí, ao assinalar os encargos da Teologia, sublinhava dois especialmente relevantes para o nosso tempo. Por um lado, a necessidade de que a Teologia seja cada vez mais prática e política – uma Teologia dos leigos e não só uma Teologia de e para sacerdotes. Assim entendida, a Teologia deverá abarcar não só a pregação, o culto, a pastoral, etc., mas também a socialização, a democratização e a educação para a autonomia. Por outro lado, Moltmann destaca como encargo da Teologia o diálogo com outros seres humanos, religiões, cosmovisões e ideologias. A Teologia cristã precisa de ser entendida como um saber e uma tarefa dialógicos. Em suma, a sua missão radica em encontrar e propagar a verdade no diálogo com os demais.

Julgo que este modo de entender a Teologia está mais em consonância com o espírito presente no Vaticano II. O conjunto da Teologia, e a reflexão teológico-pastoral em particular, precisa de sair de si mesma e dialogar tendo diante de si a nossa sociedade e a nossa história, as inquietudes e as necessidades das pessoas normais, sem renunciar ao que a define – uma fé que procura entender. Porque o teólogo, o autêntico teólogo, é uma pessoa normal.

Provavelmente, esta maneira de pensar é fruto de uma “deformação profissional” – e vocacional. Tal como está explícito na *Ratio Studiorum*^{*}, a pedagogia inaciana busca sempre a síntese entre pensar e fazer, entre conhecer e experimentar, entre

¹ J. MOLTSMANN, *El experimento esperanza*, Salamanca, 1977, pp. 24-25.

^{*} Abreviatura de *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*, ou seja, um documento que codificou, a partir da sua promulgação em 1599, as experiências pedagógicas dos primeiros decénios de existência da Companhia de Jesus num plano unificado e organizado, e que haveria de orientar o labor educativo dos inúmeros colégios jesuítas nos dois séculos seguintes, até à supressão da Ordem [N. T.].

refletir e acreditar, entre aprender e praticar, entre teoria e prática. Inácio de Loyola acreditava firmemente que a vida e costumes dos estudantes melhorariam pela formação de atitudes, hábitos e virtudes.

Julgo também que, no tempo que nos cabe viver, ao fazer Teologia ou ao falar sobre ela (já não digo ao falar de realidades como a família), é preciso fugir de três riscos reais e presentes hoje na nossa Igreja e no nosso mundo. Em primeiro lugar, a cegueira do apocalíptico, que só vê desgraças e maldades e que repete sempre que qualquer tempo passado foi melhor. Por outro lado, a cegueira de quem tudo lhe parece bem, de quem pensa que “todas as opiniões são respeitáveis”, que o importante é ser moderno e que todas as inovações são boas. Por fim, o perigo a que Eugen Biser apelida de *heresia emocional*², um tipo de heresia em que podemos cair, aparentemente sem nos darmos conta. A heresia emocional coincide com a falta de esperança: pensar que não há quem possa reformar este mundo, não há quem possa mudar esta Igreja, que eu próprio sou um desastre e não tenho solução... Basicamente, consistiria em pensar que Deus pouco tem a fazer na História, menos ainda na Igreja, e praticamente nada em mim mesmo.

² «A fé não corre perigo com uma interpretação equivocada do dogma (fé) nem com um comportamento moral deficiente (caridade), mas, considerando a experiência geral, o perigo maior deriva sobretudo do derrotismo religioso, que não outorga a essa fé nenhuma energia capaz de configurar a vida e o futuro, mas a desconcerta na forma de crise de confiança (esperança). Quando o que se deveria encontrar na fé era um impulso inesgotável à coragem, um motivo de segurança e alegria e, em boa medida, também um estímulo à autocomunicação dialógica e operativa; os corações humanos são abalados, pelo contrário, por uma paralisação, enquanto um triste véu cinzento parece cair sobre a realidade integral das suas vidas. Palavras como o carácter vitorioso da fé ou a sua força superadora de medos e angústias soam quase como termos estranhos nessa paisagem». E. BISER, *Pronóstico de la fe. Orientación para la época postsecularizada*, Barcelona, 1994, p. 16.

Vivemos tempos em que necessitamos de esperança e lucidez, isto é, capacidade crítica (que não é nada menos do que saber olhar bem para a realidade). Nem a amargura apocalíptica nem a alegria “bonista” ou a depressão “herético-emocional” são respostas válidas para os nossos desafios atuais. E julgo que isto é assim porque nem antes estávamos tão bem nem agora estamos tão mal e, além do mais, porque acreditamos que Deus nos espera também no futuro. Seja como for, deparamo-nos com três perigos que teremos de exorcizar: o de simplesmente repetir, o de simplesmente inovar, o de simplesmente sobreviver... Mas hoje, como sempre, a Igreja, na sua ação e na sua reflexão, está chamada a receber o passado, celebrar o presente e sonhar o futuro.

Nesta linha, D. Rino Fisichella, numa excelente conferência pronunciada na Universidade Pontifícia Comillas em outubro de 2011, intitulada *Fundamentos teológicos para a nova evangelização*, salientava com acerto e clarividência:

Nos últimos decênios, dar razão da fé não parece ter apaixonado muito os crentes. Talvez por isso diminuiu a convicção, porque a escolha não era tal. O recurso às tradições de sempre ou às experiências mais diversas, sem a força da razão, não demonstrou ser atrativo, especialmente numa cultura que se impunha cada vez mais com a certeza da ciência. A situação, num certo sentido, esclerosou-se; houve quem pensasse que uma cansativa repetição de fórmulas passadas poderia constituir um bastião de defesa, sem se dar conta de que eram apenas areias movediças. Pensar que a nova evangelização se possa realizar com uma superficial renovação de formas passadas é uma ilusão de que nos devemos afastar. Certamente que a solução tão-pouco está na extravagância de inventar novidades só para satisfazer o homem contemporâneo, sempre em movimento, pronto para qualquer experiência e carente do gosto de uma visão crítica.

* Neologismo cujo significado é “que considera que tudo é bom” (*buenista* em castelhano) [N. T.].

Nem uma cansativa repetição de fórmulas passadas nem uma superficial renovação das mesmas. Mas tão-pouco a extravagância de inventar novidades só para satisfazer o homem contemporâneo...

Nas páginas que o leitor tem diante de si poderá encontrar um olhar, dirigido a partir da Teologia Pastoral, à apaixonante aventura da vida em casal e em família. Este livro é fruto do trabalho destes últimos anos³, da reelaboração de artigos, preparação de conferências, docência universitária, etc. Na realidade, constitui uma síntese do que foi refletido, aprendido e vivido na sala de aula, no gabinete, na sala de terapia, no confessionário e nos lugares mais inesperados. Tive e tenho o privilégio de acompanhar pessoas que se preparam para viver em casal, acompanhar grupos de casais jovens ou já não tão jovens, formar agentes de pastoral, ajudar pessoas e casais concretos nos seus problemas e encruzilhadas, assessorar instituições que trabalham na pastoral familiar, etc. Muitas pessoas estão por detrás destas páginas. Pessoas de Gijón, La Coruña, Madrid, Santa Clara, Cluj-Napoca... Não aparecem pelo seu nome, mas estiveram muito presentes na redação.

Concebi o livro como um caminho que se inicia recordando ao leitor o que é a Teologia Pastoral, uma vez que esta constitui não apenas o lugar a partir do qual reflito, mas também a direção em que decido olhar. Na segunda secção – *Apontamentos para uma pastoral da família* – procuro, de várias formas, desenvolver uma convicção nítida: uma boa pastoral familiar começa por uma boa pastoral do casal. De seguida – *Duas questões de pastoral familiar que precisam de ser “visitadas”* –, centro-me em dois temas importantes na pastoral da família e que me preocupam especialmente; trata-se da paternidade responsável e da atenção pastoral a famílias que sofrem violência. A partir da *Amoris laetitia*, ofereço

³ Uma parte do material que compõe este livro veio à luz sob a forma de artigos nas revistas *Estudios Eclesiásticos*, *Sal Terrae*, *Manresa* e *Padres y Maestros*. Todos eles foram revistos antes de serem integrados no presente volume.

ao leitor na secção quarta – *Atenção e cuidado na fragilidade* – uma proposta de acompanhamento pastoral das famílias feridas. Concluo o livro – *Dois ministérios para uma nova pastoral da família* – com a constatação da necessidade que tem a Igreja do século XXI de agentes da pastoral que sejam capazes de ser ministros de reconciliação e mediação.

Ao longo dos doze capítulos deste livro late e quer latir o espírito que subjaz, julgo eu, ao projeto e convite “franciscano” à conversão pastoral:

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade (EG, 27).

Dizia mais acima que seria impossível recordar todas as pessoas que influenciaram este livro. Mas vão-me permitir uma recordação agradecida a meus pais, Manolo e Tinina. São o primeiro casal que conheci, quem nos ensinou, aos meus irmãos – José e Jesus – e a mim as coisas mais importantes da vida e nos mostrou que formar uma família é belo e vale a pena (no fundo, somos o que são o nosso pai e a nossa mãe). Temos a sorte de a nossa mãe ainda nos poder continuar a ensinar – há alguma mãe que o deixe de fazer? –, enquanto o nosso pai já está em melhores mãos... Os meus dois irmãos estão casados de um modo feliz, e não deixa de ser um atrevimento que seja o irmão celibatário o que escreve acerca do casal, mas já se sabe: assim somos nós, os padres... Ninguém é perfeito.

Duas recordações mais. A minha primeira tutoria de alunos, há já quase 30 anos. Foram eles, as suas vidas, as suas situações vitais – aproximadamente um terço provinha de famílias cujos pais estavam separados ou divorciados – que meteram dentro de mim o bichinho da pastoral familiar. A outra recordação é para uma pessoa cujo nome não esqueci, mas que, por motivos evidentes, não irei citar. Eu era terapeuta estagiário, e ela uma mulher casada com três filhos que pediu uma consulta na clínica em que eu então trabalhava. Estava a ser maltratada pelo marido e tinha tido a coragem de procurar ajuda. Foi a primeira de uma série de presentes que a vida me deu. Pessoas que, sendo “espezinhadas” por quem dizia que as amava, empreendiam um caminho de cura e reconstrução. Mulheres valentes, fortes, capazes de recuperar a sua vida e descobrir que a dignidade é algo que elas possuíam e que ninguém lhes poderia tirar. Pessoas que, tendo percorrido a sua *Via Crucis* e padecido o seu Gólgota – até extremos difíceis de imaginar –, sentiam como ressuscitava nelas a autoestima, a confiança, a felicidade e a esperança. Repeti muitas vezes que nós, agentes de pastoral, devemos preparar-nos de modo especial para atender as vítimas da violência machista...! Prejudicámo-las tanto, ainda que inadvertidamente! Por medo, por ignorância, por prepotência, por silenciar um problema, por simplificar situações e buscar soluções rápidas, por nos fixarmos mais em doutrinas do que em Jesus de Nazaré..., prejudicámo-las.

Dois agradecimentos. Em primeiro lugar, a Loreto González-Doposo, que reviu pacientemente o manuscrito; cada uma das suas acertadas sugestões e correções melhorou notavelmente tanto o fundo como a forma. Também quero agradecer a D. Carlos Osoro, Arcebispo de Madrid, pela sua amabilidade e generosidade. É para mim motivo de orgulho que um pastor tão cordialmente convencido da importância que tem o cuidado pastoral da família tenha querido redigir o prólogo deste livro.

Termino esta introdução com uma sugestão. O leitor verá que, por meio dela, me permito tratá-lo por tu: estimado leitor, já sabes muito sobre este tema, mas convido-te, tomando emprestado um conselho de Saturnino de la Torre, a que «aprendas a olhar onde já olhaste e procures ver o que ainda não viste».

Índice

<i>Prólogo</i>	9
Introdução	15

I

O que é a Teologia Pastoral?

1 – O que é a Teologia Pastoral?	25
1.1. O que é a Teologia Pastoral?	25
<i>a) A pastoral da palavra (martyría)</i>	31
<i>b) A pastoral comunitária (koinonía)</i>	32
<i>c) A pastoral do serviço (diakonía) na vida e missão da Igreja</i>	33
<i>d) A pastoral litúrgica (leitourgía)</i>	33
1.2. Temas e desafios de futuro	34
<i>Formas apresentadas pelo êxodo... As três fraturas de que fala Biser</i>	36
<i>Seis caminhos para Deus...</i>	37

II

***Apontamentos
para uma pastoral da família***

2 – De problema a oportunidade – <i>A família e alguns dos seus desafios</i>	45
2.1. Famílias sólidas	48
2.2. Escutar as perguntas da família atual	56
<i>a) Em relação à educação e formação dos filhos</i>	57
<i>b) Em relação à promoção de valores</i>	58
<i>c) Em relação à saúde</i>	58
<i>d) Em relação ao uso do dinheiro e às pessoas que trabalham em nossa casa</i>	59
<i>e) Em relação ao ócio</i>	59
<i>f) Em relação à repartição do nosso tempo</i>	60
<i>g) Em relação à sexualidade</i>	61
<i>h) Em relação à duração e ao tempo</i>	61
<i>i) Em relação à dimensão intergeracional dentro da família</i>	61
<i>j) Em relação à transmissão da fé</i>	62
2.3. Notas para uma pastoral da família	63
3 – Primeiro cônjuges que progenitores – <i>O amor nosso de cada dia nos dai hoje</i>	73
3.1. O matrimónio educa para o amor e constrói Igreja	75
3.2. O matrimónio cristão nas palavras do Papa Francisco	79
3.3. O matrimónio cristão: tarefas e atitudes	85
<i>Em primeiro lugar, três notas:</i>	85
<i>E também cinco tarefas</i>	86
Uma palavra para finalizar...	87

4 – Aprender a amar – <i>Crescendo em humanidade</i>	89
4.1. Educar para que amor?	89
4.2. Pode-se educar para o amor?	92
4.3. Educar para o amor é também educar para comunicar .	95
4.4. Educar também para enfrentar as crises	96
5 – Viver e crescer juntos – <i>Carismas de um casal a caminho</i> ...	101
5.1. Sonhar o futuro	102
5.2. Celebrar o presente	104
5.3. Caminhar juntos	105
5.4. Cuidar com ternura	107
<i>Para refletir em casal</i>	110

III

***Duas questões de pastoral familiar
que precisam de ser “visitadas”***

6 – Perspetiva pastoral da paternidade responsável – <i>A Humanae vitae quarenta anos depois</i>	113
6.1. Discurso moral e diálogo pastoral	115
6.2. Algumas dúvidas (por vezes perplexidades) que são sus- citadas em muitas pessoas de boa vontade	118
6.3. Para a prática pastoral... Como responder às perguntas que se apresentam?	122
7 – Fui maltratada e ajudaste-me – <i>Atenção pastoral a fa- mílias que sofrem violência</i>	129
7.1. O que deveríamos ter em conta no acompanhamento pastoral destas famílias?	132
7.2. O que podemos fazer para ajudar?	136

IV

Atenção e cuidado na fragilidade

8 – Cantar ao Senhor em terra estrangeira – <i>Algumas notas sobre espiritualidade e divórcio</i>	143
8.1. Abertos com esperança (e dor) ao futuro	144
8.2. Vivendo em terra estranha	148
8.3. Verdadeiramente ressuscitou	153
8.4. Uma história para terminar... ..	156
9 – Integrar, acompanhar e partilhar o pão – <i>O acompanhamento pastoral a pessoas separadas e divorciadas</i>	157
9.1. Acompanhamento pastoral e situações “irregulares”	159
<i>O que é o acompanhamento?</i>	160
9.2. Católicos divorciados que voltaram a casar	165
9.3. A caminho da <i>Amoris laetitia</i>	170
10 – Cuidar das famílias feridas – «<i>Chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão</i>»	183
10.1. O cuidado pelas famílias feridas no decurso do processo sinodal (2014-2015)	186
10.2. Cuidado pastoral das famílias feridas	190
<i>Apêndice: Uma palavra sobre as crianças e o divórcio</i>	195
1. <i>Efeitos nas crianças</i>	196
2. <i>Como ajudar?</i>	198
3. <i>O que o papá e a mamã não devem esquecer</i>	200

V

***Dois ministérios para
uma nova pastoral da família***

11 – Chamados a reconciliar – O ministério da reconciliação	205
11.1. Ministério da reconciliação: recuperação, assunção e criação da própria história	207
11.2. Ministério da reconciliação: criação de relações justas e humanas	209
Conclusão: Cura do <i>passado</i> , verdade do <i>presente</i> , esperança de <i>futuro</i>	213
12 – Preparados para mediar – Quando a vitória é encontrar um acordo	215
12.1. Resolução de conflitos	216
12.2. O que é a mediação	221
<i>Quando empregar a mediação</i>	223
<i>O mediador</i>	224
12.3. Diálogo e mediação	225
<i>Epílogo – Uma palavra de despedida</i>	229
<i>Índice</i>	233